



Comunicação de
Pesquisa

Estrabão
Vol. (4): 269 - 271
© Autores
DOI: 10.53455/re.v4i.108



Recebido em: 25/07/2023
Publicado em: 28/11/2023

Os mapas vivenciais e as crônicas como formas de narrar o cotidiano: Algumas reflexões e possibilidades pedagógicas na educação básica

Experiential maps and chronicles as forms of narrating everyday life: Some reflections and pedagogical possibilities in basic education.

Vinicius de Luna Chagas Costa ^{1A}

Resumo

Contexto: O estudo foi realizado em uma turma de Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ, durante o ano de 2023. **Metodologia:** A pesquisa envolveu a análise das narrativas das crianças sobre a cidade, utilizando diferentes formas de linguagem, em particular a literatura. **Considerações:** As dificuldades históricas enfrentadas no campo da infância representam desafios significativos para os professores da educação básica. Portanto, é essencial explorar e valorizar a expressão das crianças por meio de diversas formas de linguagem.

Palavra-Chave: Cartografia escolar; cartografia com crianças; Literatura

Abstract

Context: The study was conducted in an Elementary School class at the Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ, during the year 2023. **Methodology:** The research involved the analysis of children's narratives about the city, using different forms of language, particularly literature. **Considerations:** The historical difficulties faced in the field of childhood represent significant challenges for elementary school teachers. Therefore, it is essential to explore and value children's expression through various forms of language.

Keywords: School Cartography; Cartography with Children; Literature

Introdução

O presente relato de experiência explica como se desenvolveu o projeto “Crônicas”, realizado no ano de 2023 numa turma de quinto ano de escolaridade do *Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ*, com um enfoque na cartografia infantil. O objetivo principal deste projeto foi de aprimorar o ensino e a aprendizagem dos alunos do colégio ao propor o entrelace com o gênero textual crônica, seja elaborando materiais cartográficos próprios a partir de suas vivências em contextos urbanos, seja construindo novas oportunidades de aprendizagem ao visualizar mapas temáticos e narrativas outras da cidade do Rio de Janeiro.

A justificativa para este tipo de abordagem se ancora em Oliveira e Duarte (2011, p. 312) ao destacarem que a cartografia não vem sendo constantemente utilizada por boa parte dos professores de geografia. Em contrapartida, entendemos que é necessário compreender como as crianças são situadas como sujeitos pela Geografia Escolar, muitas vezes marcada por questões adultocêntricas focadas apenas no design definido por um padrão e signos gráficos presentificados nos mapas. Habitamos um espaço, mas muitas vezes somos cegos a sua existência. Logo, questionamos como a dimensão espacial se relaciona com o existir humano pois as atividades humanas acontecem num determinado tempo e espaço. Trata-se, sobretudo, de uma dimensão geohistórica.

Reconhecemos o espaço geográfico e suas variadas expressões, como as paisagens, os territórios e os lugares como uma das linguagens fundantes dos processos de reconhecimento e tratamento didático das diferenças e interseccionalidades. Com isso, buscamos compreender as múltiplas vivências espaciais e os processos de aprendizagem dos estudantes em sua individualidade e como sujeitos coletivos.

Ao chegar ao quinto ano de escolaridade, esperamos que os estudantes possam revelar uma postura responsável, solidária, respeitosa e, com maior autonomia, estabelecendo relações entre os conteúdos trabalhados nas/pelas diferentes áreas de estudo, desenvolvendo um olhar crítico e curioso para com o conhecimento. Nos atos de investigar e de descobrir, os estudantes percorrem caminhos entre duas disciplinas que compõem o Núcleo Comum: Língua Portuguesa e Geografia. Esclarecemos que os conteúdos no Colégio de Aplicação são organizados em projetos didáticos, buscando a integração e a interação entre as áreas e os procedimentos de cada uma delas. Destacamos ainda que os resultados do trabalho com projetos são apresentados em diferentes formas como seminários, relatórios, rodas literárias e materiais cartográficos.

No segundo bimestre o nosso principal eixo de trabalho foram as crônicas como forma de contar a cidade. Com este eixo, buscamos estabelecer relações entre a cultura, a memória e as tradições populares infantis, bem como seus saberes geográficos. Com esse movimento, concordamos com Sarmiento e Vasconcellos (2007, p.25) que tradicionalmente a visão moderna-hegemônica de infância tem um caráter que desconsidera seus conhecimentos ao definirem a infância como um período da vida marcado pela falta, numa etapa linear rumo ao mundo adulto onde se pressupõe a completude. A condição social da infância é, portanto, uma manifestação da exclusão espacial e política.

Postulamos que desde a infância a criança estabelece uma relação mediada com o mundo a sua volta através de instrumentos simbólicos da cultura. Trata-se de uma visão que rompe com o naturalismo ao considerar o desenvolvimento humano de modo espacializado através das vivências. De acordo com Vigotski o conceito de vivência traz uma dimensão geográfica:

(...) é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (Vigotski, 2010, p. 686).

Essa condição de alteridade contempla a perspectiva teórica e metodológica que temos estudado. Pois bem, são situações cotidianas, lugares e histórias de vida que explicitam uma vida que não pode ser pensada de modo isolado. Usamos os mapas, que possuem uma dimensão político-ideológica, como instrumento para analisar e compreender o espaço vivenciado pelos estudantes. Reiteramos a oportunidade de o estudante fazer seu próprio mapa, ao aproveitar seus espaços próprios e cotidianos (Cavalcanti, 1999) não se tratando, portanto, de mapas oficiais.

A primeira etapa que foi realizada no projeto foi o aprendizado sobre as crônicas conceitualmente, mostrando-se de grande valia para a turma. A análise linguística de textos publicados e produzidos pelos alunos tornou-se uma parte importante das atividades. Investimos, sobretudo, na construção de estratégias que permitissem aos alunos produzir sentidos a partir da leitura dos textos, estes entendidos como unidades de trabalho. Em um momento posterior propomos a produção de mapas vivenciais, uma metodologia denominada pelo geógrafo Jader Janer Moreira Lopes (Lopes, 2012) preocupada com a garantia da condição de autoria das crianças. Estas cartografias produzidas pelas crianças ao retratar seus modos singulares de vida fazem parte de uma geografia da infância.

Os diálogos tiveram por objetivo colocar em interface o Campo de Estudos da Infância, a Literatura e a Geografia como áreas de produção de conhecimentos, tendo como recorte específico a vivência espacial das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, fundamentou-se em reflexões sistematizadas nas práticas pedagógicas, que fundaram um novo paradigma para compreender a infância em suas pluralidades. Ao propor um trabalho que documenta suas vivências através dos mapas vivenciais, reconhecemos que as crianças possuem uma linguagem e memória espacial, que surge como uma atividade criadora das crianças. Durante as aulas as crianças superaram qualquer expectativa a partir de um planejamento e produziram novas reflexões sobre o direito a cidade com seus protagonismos de vida.

Essa foi uma breve apresentação das atividades desenvolvidas neste projeto de dedicação exclusiva Colégio de Aplicação da UERJ, sendo um trabalho que teve bons resultados, principalmente no que diz respeito a outra representação do espaço. Espera-se que esta iniciativa seja mais uma colaboração no que diz respeito às crescentes e necessárias pesquisas sobre o ensino de Geografia com crianças. Muitas vivências foram ressignificadas neste campo de estudo, sobretudo no que diz respeito à confecção de mapas vivenciais.

Referências bibliográficas

Cavalcanti, L. S. (1999). A cidadania, o direito a cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **Geosp Espaço e Tempo (Online)**, 3(1), 41-55.

Lopes, J. J. M. (2012). Os bebês, as crianças pequenas e suas condições histórico-geográficas: algumas notas para o debate teórico-metodológico. **Educação em Foco**, Edição Especial, agosto.

Oliveira, C. A. C., & Duarte, R. G. (2011). O uso do instrumental cartográfico como estratégia de educação geográfica no ensino básico. In: **Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares**, 7.

Sarmiento, M. J. (2007). Visibilidade social e estudo da infância. In: Vasconcelos, V. M. R., & Sarmiento, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Editora Junqueira Martins.

Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. São Paulo: Psicologia USP.